



Série
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis; William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barsanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

A Alma dos Animais

© 2021 – Conhecimento Editorial Ltda

A Alma dos Animais
(Les Manifestations
Métapsychiques des Animaux)
Ernesto Bozzano

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-114-8
1ª edição – 2021

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no Departamento Editorial de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150
Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Bozzano, Ernesto

A Alma dos Animais: as manifestações metapsíquicas dos animais / Ernesto Bozzano ; tradução de Mariléa de Castro – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2021.

160 p.

ISBN: 987-65-5727-114-8

Título original: *Les Manifestations Métapsychiques de Animaux*

1. Animais - Ponto de vista espírita 2. Animais - Espiritismo 3. Animais - Mediunidades 4. I. Título II. Castro, Mariléa de

21-3649

CDD – .133.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Animais – Espiritismo

Ernesto Bozzano

A Alma dos Animais

As manifestações metapsíquicas dos animais

Tradução: Mariléa de Castro

1ª Edição – 2021



Obras de Ernesto Bozzano editadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**

- Povos Primitivos e Manifestações Supranormais
 - A Crise da Morte
- Pensamento e Vontade
- A Alma dos Animais

Sumário

Prólogo	9
Primeira categoria	12
Alucinações telepáticas em que um animal desempenha o papel de emissor	
Segunda categoria.....	42
Alucinações telepáticas em que o animal é o receptor	
Terceira categoria	46
Alucinações telepáticas percebidas juntamente por animais e humanos	
Quarta categoria.....	59
Visão de fantasmas humanos, fora de qualquer coincidência telepática, e percebidos simultaneamente por pessoas e animais	
Quinta categoria	79
Animais e premonições de morte	
Primeiro Subgrupo.....	80
Manifestações premonitórias de morte percebidas em comum por pessoas e animais	
Segundo Subgrupo	83
Aparição de animais em forma simbólico-premonitória	
Terceiro Subgrupo.....	85
Premonições de morte em que os animais são os receptores	

Sexta categoria	91
Animais e Fenômenos de Assombração	
Primeiro Subgrupo.....	91
Animais que percebem junto com as pessoas as assombrações	
Segundo subgrupo	103
Aparição de animais em lugares assombrados	
Sétima categoria.....	117
Materializações de animais	
Oitava Categoria.....	127
Visão e identificação de fantasmas de animais mortos	
Conclusões.....	152

Prólogo

Já observamos muitas vezes, a respeito das manifestações metapsíquicas em que os seres humanos são emissores ou receptores, que elas foram conhecidas em todas as épocas e por todos os povos. Pode-se dizer o mesmo a respeito dos fatos em que o papel de emissor ou de receptor é desempenhado por animais.

Naturalmente, as manifestações metapsíquicas em que os protagonistas são animais só podem ser circunscritas a limites de realização mais modestos que aquele em que os protagonistas são seres humanos. Tais limites correspondem às capacidades intelectuais das espécies animais em que os fatos se produzem. No entanto, elas são mais notáveis do que se poderia supor à primeira vista. Entre esses fenômenos, encontram-se casos telepáticos em que os animais desempenham não apenas o papel de receptores, mas também o de emissores; casos concernentes a animais que percebem, ao mesmo tempo que o homem, fantasmas e outras manifestações supranormais, além de qualquer coincidência telepática; e por fim, casos nos quais os animais percebem, juntamente com o homem, manifestações que ocorrem em locais assombrados. Deve-se acrescentar a essas categorias os casos de materializações de fantasmas animais, obtidos experimentalmente, e por fim aparições *post mortem* de fantasmas animais identificados, circunstância que tem um valor teórico considerável, pois é de molde a apoiar a hipótese da sobrevivência da psique animal.

O exame desse ramo dos fenômenos metapsíquicos

tem sido completamente negligenciado até hoje, embora nas revistas metapsíquicas, sobretudo nas coleções dos *Proceedings* e do *Journal* da excelente *Society for Psychological Research* de Londres se encontrem numerosos fatos dessa ordem. Esses casos, porém, jamais foram reunidos, classificados e analisados por alguém. E também pouco se escreveu e discutiu a respeito. Portanto, não há muita coisa a resumir em relação às teorias formuladas a esse respeito.

Observarei apenas que, nos comentários de certos casos isolados que pertencem à classe mais numerosa dos fenômenos em questão, isto é, aquele em que os animais percebem junto com o homem as manifestações de telepatia ou assombração, propõe-se a hipótese de que as percepções psíquicas dessa natureza teriam origem num fenômeno alucinatorio criado pelos centros de ideação de um agente humano e depois transmitidos inconscientemente aos centros homólogos do animal presente e receptor.

Para uma outra classe de fenômenos, especificamente aquela das aparições de fantasmas animais, supôs-se um fenômeno de alucinação pura e simples por parte do indivíduo receptor. Porém a análise comparada dos fatos mostra que, com frequência, os fantasmas animais são percebidos coletiva e sucessivamente. São, além disso, identificados com os animais que viveram e foram mortos naquele local; e isso, sendo que os receptores ignoravam que os animais vistos nessas circunstâncias tivessem existido.

Nessas condições, devemos concluir que, de modo geral, as duas hipóteses que mencionamos são suficientes para explicar os fatos. Essa conclusão é de grande importância teórica, porque nos força a admitir a existência de um subconsciente animal, depositário das mesmas faculdades supra-normais que existem no subconsciente humano. Ao mesmo tempo, nos leva a reconhecer a possibilidade de aparições verídicas de fantasmas animais.

Disso ressalta o valor científico e filosófico desse novo ramo das pesquisas psíquicas. Permite-nos prever que, em breve, deveremos reconhecê-lo, para estabelecer sobre bases sólidas a nova “Ciência da Alma”, que ficaria incompleta, e

mesmo inexplicável, sem a contribuição trazida pelo exame analítico e as conclusões sintéticas relativas à psique animal, o que virei a demonstrar no devido momento.

Não é preciso dizer que não pretendo de forma alguma que esta classificação – a primeira que foi tentada sobre o assunto – seja suficiente para analisar em profundidade um tema tão vasto e de tão grande importância metafísica, científica, filosófica. Concedo-me apenas o ter trazido uma primeira contribuição eficaz às novas pesquisas e de ter assim despertado o interesse daqueles que se ocupam desses estudos, favorecendo a acumulação posterior do material bruto dos fatos, o que parece indispensável para o resultado das pesquisas sobre esse novo ramo das doutrinas metapsíquicas.

Se quisermos indicar a data em que se começou a tomar seriamente em consideração as manifestações metapsíquicas dos animais, devemos nos referir a um famoso incidente de telepatia canina de que lord Rider Haggard, o conhecido romancista inglês, foi o receptor; incidente que se produziu em condições tais que é impossível colocá-lo em dúvida. Como resultado de uma dessas condições providenciais de tempo, lugar e ambiente, que se encontra com frequência no início da história de novos ramos da ciência, despertou na Inglaterra um interesse inesperado, quase exagerado. Os jornais políticos se apropriaram dele e o discutiram longamente, assim como as revistas de variedades e as revistas metapsíquicas, criando um ambiente favorável para as novas pesquisas.

Portanto, será oportuno começar a classificação das “manifestações psíquicas dos animais” pelo caso de telepatia do qual foi receptor o romancista sr. Rider Haggard.

Primeira categoria

Alucinações telepáticas¹ em que um animal desempenha o papel de emissor

1º caso – (Em sonho, com indício aparente de possessão).

É o caso Haggard, que me limitarei a relatar como foi resumido com a maior exatidão na edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, remetendo o leitor que deseje informações mais extensas ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychical Research*.

O sr. Rider Haggard relata que foi deitar-se tranquilamente à uma hora da manhã do dia 10 de julho. Uma hora depois, a sra. Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu o marido gemer e emitir sons inarticulados “como um animal ferido”. Inquieta, ela o chamou. O sr. Haggard ouviu a voz como num sonho, mas não conseguiu se libertar de imediato do pesadelo que o atormentava. Quando despertou inteiramente, contou à sua mulher que havia sonhado com Bob, o velho cão perdido de sua filha mais velha, e que o vira debater-se numa

1 O conceito de alucinação comumente aceito é o de que ocorre “quando a percepção do indivíduo identifica alguma coisa que não existe como sendo parte da realidade”. Deve-se acrescentar, porém: da realidade física, o que não inclui os outros níveis de existência e sua percepção. A assim chamada alucinação, portanto, pode, e muitas vezes é, simplesmente a percepção de níveis ou planos de existência além do reconhecido pela ciência oficial – embora já exaustivamente pesquisados inclusive em laboratórios universitários (parapsicologia).

Sob essa ótica, “alucinação telepática” seria uma contradição em termos, pois *alucinação* é categoria própria da psicologia/psiquiatria oficial, enquanto *telepatia* é fenômeno parapsicológico já comprovado, mas não aceito por ela. Compreende-se como necessária e sem alternativa naquele período das pesquisas metapsíquicas incipientes e que buscavam incluir-se como científicas – embora esse aval jamais tenha ocorrido.

luta terrível, como se fosse morrer.

O sonho tivera duas partes distintas. Da primeira, o romancista lembrava apenas de haver tido uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar. Entre o instante em que ouviu a voz de sua mulher e aquele em que adquiriu plena consciência, o sonho tomou uma forma mais precisa.

Percebi, diz o sr. Haggard, “o velho Bob estendido entre os caniços de um lago. Parecia que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, que levantava a cabeça contra meu rosto de forma bizarra. Bob se esforçava para falar comigo e, não conseguindo se fazer entender pela voz, me transmitia, de forma indefinível, a ideia de que estava morrendo.

O sr. e a sra. Haggard voltaram a dormir, e o romancista não foi mais perturbado no sono. Pela manhã, durante o café, contou a suas filhas o que tinha sonhado, e riu com elas do medo que sua mãe tinha sentido. Ele atribuía o pesadelo à má digestão. Quanto a Bob, ninguém se preocupou, porque, na tarde anterior, fora visto com os outros cães da casa e fizera festas à sua dona como de costume. Somente quando passou a hora da refeição quotidiana sem que Bob aparecesse, a srta. Haggard começou a se sentir inquieta e o romancista a suspeitar que se tratava de um sonho verídico. Começaram buscas intensivas que duraram quatro dias, ao fim dos quais o próprio sr. Haggard encontrou o pobre cão boiando na água de um lago, a dois quilômetros da casa, com o crânio fraturado e duas patas quebradas.

A um primeiro exame, feito pelo veterinário, pareceu que o infeliz animal fora pego numa armadilha. Mas a seguir encontrou-se provas indiscutíveis de que o cão tinha sido esmagado por um trem, sobre a ponte que atravessava o lago, e que fora jogado pelo choque entre as plantas aquáticas.

Na manhã de 19 de julho, um trabalhador da estrada de ferro encontrou na ponte a coleira ensanguentada de Bob. Portanto, não restava nenhuma dúvida de que o cão estava morto de fato na noite do sonho. Por acaso, naquela noite, havia passado, um pouco antes da meia noite, um trem turís-

tico que devia ter sido a causa do acidente.

Todas as circunstâncias foram provadas pelo romancista por meio de uma série de documentos.

Segundo o veterinário, a morte deve ter sido quase instantânea. Teria sido pois duas horas, ou mais, antes do sono do sr. Haggard.

Esse é, em resumo, o caso ocorrido com o escritor inglês, no qual se encontram várias circunstâncias que concorrem para excluir de forma categórica qualquer outra explicação que não a transmissão telepática direta entre o animal e o homem.

Não poderia se tratar de uma emissão telepática vinda de uma pessoa presente, pois ninguém tinha assistido ao drama nem soubera dele, como se concluiu da investigação feita pelo próprio sr. Haggard e como era aliás fácil de presumir, pela hora avançada da noite em que o fato ocorreu.

Não poderia tratar-se de uma forma comum de pesadelo alucinatório, numa coincidência fortuita, pois as circunstâncias verídicas que se encontram na visão são de fato bem numerosas, sem falar do próprio fato da coincidência entre o sonho e a morte do animal.

Não poderia se tratar de um fato de telestesia, no qual o espírito do romancista teria tido a percepção a distância do drama, pois então o receptor teria ficado como espectador passivo, e não foi assim. Como se pôde ver, ele foi sujeito a um fenômeno bastante notável de personificação ou de um início de possessão. Esse fenômeno – como observou o editor do *Journal of the Society for Psychical Research* – apesenta um paralelo interessante com as “personificações” e as “dramatizações” observadas com tanta frequência entre os sensitivos ou médiuns no estado de transe.

Não se pode, por fim, falar de um sonho premonitório pelo qual o sr. Haggard teria sabido, não do acontecido no momento em que ocorria, mas do fato da descoberta do cadáver no lago, que iria acontecer alguns dias depois. Com essa alternativa não se pode explicar nada: nem a coincidência verídica entre o sonho e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização, igualmente verídica, no acontecimento, nem o

caso, tão notável, da personificação ou da possessão.

Essas são as principais considerações que concorrem para provar de forma incontestável a realidade do fenômeno da transmissão telepática direta entre animal e homem. Achei que devia apontá-las para responder a algumas objeções vindas de diversos lugares depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e comentou o caso em questão.

Ao mesmo tempo, essas considerações poderão servir de regra para os leitores a fim de julgar o valor da hipótese telepática em relação aos casos que irão seguir-se.

2º caso – (Em sonho) – 10 de fevereiro de 1885.

Na primeira segunda-feira do mês de agosto de 1883, durante minhas férias, eu estava em Ilfracombe (Inglaterra). Pelas dez horas da noite, fui deitar-me, e adormeci em seguida. Fui acordado pelas 10:30 por minha mulher, que entrava no quarto. Contei a ela que acabara de ter um sonho no qual via meu cão Fox deitado, ferido e moribundo, junto a um muro. Não tinha ideia exata a respeito do local. Mas tinha notado que era um dos “muros secos” (muros de pedra) que são uma característica do condado de Gloucester. Conclui que o cão deveria ter caído de cima de um desses muros, inda mais que que ele tinha o hábito de subir neles. No dia seguinte, terça-feira, recebi, vinda de minha casa em Barton End Grange, Nailsworth, uma carta escrita por minha criada avisando que Fox não aparecia havia dois dias. Respondi de imediato mandando que fizessem buscas minuciosas. No domingo, recebi uma carta escrita na véspera, informando que o cão tinha sido atacado e morto por dois buldogues, na noite da segunda-feira anterior.

Voltei para casa quinze dias depois, e comecei de imediato uma diligente pesquisa, da qual resultou que na segunda-feira em causa, pelas cinco horas da tarde, uma senhora tinha visto os dois buldogues atacar e estraçalhar ferozmente meu cachorro. Uma outra senhora, que morava não longe dali, disse que pelas nove horas da noite do mesmo dia, ela tinha descoberto meu cão que jazia, moribundo, junto a um muro que me indicou, e que eu vi pela primeira vez. Na manhã seguinte, o cão tinha desaparecido. Soube a seguir que o proprietário dos bul-

dogues, sabendo o que tinha acontecido e temendo as consequências, tivera o cuidado de enterrá-lo pelas 10:30 horas da mesma noite. A hora do acontecimento coincidia com a de meu sonho.

E. W. Phibbs

O caso acima foi citado por diversas vezes pelo professor Charles Richet no seu *Tratado de Metapsíquica*, com o objetivo de demonstrar que podia ser explicado pela criptestesia, sem que fosse necessário supor um fenômeno de telepatia em que o animal tivesse desempenhado o papel de emissor e seu dono o de receptor. Diz ele a respeito:

“É muito mais razoável supor que foi a noção desse fato que chegou a seu espírito, em vez de admitir que a alma de Fox foi abalar o cérebro do sr. Phibbs”.

Pela expressão “a noção desse fato” o sr. Richet refere-se a sua hipótese da “criptestesia”, segundo a qual as coisas existentes, assim como toda ação no mundo animado ou inanimado desencadearia vibrações *sui generis*, perceptíveis para os sensitivos, que dessa forma estariam teoricamente em condições de saber tudo o que acontece, aconteceu ou acontecerá no mundo inteiro.

Respondi a essa hipótese em um longo artigo publicado na Revista Espírita, em 1922, página 256, onde contestei essa suposta onisciência das faculdades subconscientes, demonstrando, pelo exame dos fatos, que as faculdades em questão são, ao contrário, condicionadas – e portanto, limitadas – pela necessidade absoluta da “relação psíquica”: isto é, que se não existe anteriormente algum laço afetivo ou, em casos mais raros, uma relação de simples conhecimento entre o emissor e o receptor, as manifestações telepáticas não podem ocorrer. A seguir, referindo-me ao caso em pauta, continuei dizendo:

Se negarmos que o pensamento do cão, dirigido com intensa ansiedade para seu protetor ausente, tenha sido o emissor que desencadeou o fenômeno telepático; ou, em outros termos, se negarmos que o fato pôde ocorrer graças à existência de um “laço afetivo” entre o cão e seu dono, então não podemos deixar de perguntar: por que o

sr Phibbs viu, justamente nessa noite, seu cão agonizante, e não viu todos os outros animais que, durante essa mesma noite, agonizavam certamente por toda parte? É impossível responder a essa questão senão reconhecendo que o sr. Phibbs não viu os animais morrendo no mata-douro e noutros lugares porque não existia nenhum laço psíquico de qualquer espécie entre ele e esses animais. Ele viu, porém, a agonia de seu cão, porque existiam laços afetivos entre ele e o animal, e porque nesse momento o animal agonizante dirigia intensamente o pensamento para seu protetor ausente; circunstância que não tem nada de inverossímil e que é, ao contrário, muito provável em um pobre animal moribundo e que tinha urgente necessidade de ajuda.

Parece-me que o fundamento dessas conclusões é incontestável. De todo modo, nossos leitores encontrarão na presente lista numerosos exemplos de diversos tipos que confirmam amplamente minha forma de ver, e que contradizem a hipótese de uma criptestesia onisciente.

3º caso – (em sonho)

Retiro o caso a seguir do livro do sr. Flammarion *O desconhecido e os problemas psíquicos*.

Posso citar-lhes ainda um fato pessoal, que me tocou bastante quando aconteceu, mas como desta vez se trata de um cão, talvez eu faça mal ao abusar de seu tempo. Peço desculpas, perguntando-me onde terminam os problemas. Eu era jovem, e tinha com frequência, em sonho, uma lucidez surpreendente. Nós tínhamos uma cachorra com uma inteligência incomum; ela era muito ligada a mim, embora eu a acariciasse pouco. Uma noite, sonhei que ela morria, e que me olhava com olhos humanos. Ao acordar, disse a minha irmã: “Lione morreu; sonhei com ela; é certo” Minha irmã riu e não me acreditou. Chamamos a criada e lhe pedimos para chamar a cachorra. Foi chamada mas não apareceu. Procuramos por toda parte, e por fim a encontramos morta num canto. Na véspera, ela não estava doente, e meu sonho não foi provocado por nada.

Sra. R. Lacassagne, nascida Dutant (Castres).

Nesse caso também a hipótese mais verossímil é que o animal agonizante dirigiu o pensamento ansiosamente para sua dona, produzindo assim a impressão telepática que ela percebeu em sonho. Contudo, este fato é bem menos comprobatório que o anterior, tanto mais que, desta vez, não temos detalhes capazes de eliminar a outra hipótese, de um possível fenômeno de clarividência em sonho.

4º caso – (Impressão)

Extraio este caso da *Light* de 1921, página 187. O narrador é o sr. F. W. Percival, que escreve:

O sr. Everard Calthorp, grande criador de cavalos puro-sangue, em seu último livro, intitulado *The horse as comrade and friend* (*O cavalo como companheiro e amigo*), relata que há alguns anos possuía uma égua magnífica, chamada Windermere, da qual gostava muito e que lhe retribuía o afeto de uma forma a conferir a este caso um caráter realmente tocante. Por infelicidade a égua afogou-se num lago perto da fazenda do sr Calthorp, o qual descreve assim as impressões que experimentou nesse momento trágico:

“Às 3:20 horas da madrugada, no dia 18 de março de 1913, acordei-me em sobressalto de um sono profundo, não devido a qualquer ruído ou relincho, mas por causa de um pedido de ajuda que me transmitia – não sei como – minha égua Windermere. Escutei; não se ouvia o menor ruído na noite calma. Mas assim que despertei por completo, senti vibrar em meu cérebro, em meus nervos, o apelo desesperado de minha égua. Soube então que ela se encontrava em grande perigo e pedia auxílio imediato. Vesti um sobretudo, calcei as botas, abri a porta e comecei a correr pelo parque. Não se ouvia nem relinchos nem lamentos, mas eu sabia, de uma forma incompreensível e prodigiosa, de que lado me vinha aquele sinal de “telegrafia sem fio”, embora ele enfraquecesse rapidamente. Assim que saí, dei-me conta com terror que o sinal vinha da direção do lago. Corri e corri, mas sentia que as ondas vibratórias da “telegrafia sem fio” ressoavam sempre mais fracas em meu cérebro. Quando cheguei à beira do lago, tinham cessado. Fitando as águas, percebi que ainda estavam marcadas por pequenas ondas concêntri-

cas que chegavam até a margem. No meio do lago, percebi uma massa escura que se delineava de forma sinistra à primeira luz da manhã. Compreendi então que era o corpo de minha pobre Windermere, e que infelizmente eu havia atendido tarde demais a seu chamado: ela estava morta'.

Sem dúvida, em casos como este, falta-nos o testemunho do emissor; mas isso não impede que as três regras de Myers, que se destinam a distinguir os casos telepáticos dos que não o são, sejam mesmo assim aplicáveis ao caso de que tratamos. As três regras são as seguintes:

1ª – Que o emissor se encontre numa situação excepcional (aqui, o emissor estava lutando contra a morte);

2ª – Que o receptor tenha experimentado algo psicologicamente excepcional, incluindo-se uma impressão tal que permita identificar o emissor (aqui, a impressão que revela o emissor está manifesta);

3ª – Que as duas ocorrências coincidam no tempo (essa condição também é preenchida).

Pode-se acrescentar que o impulso telepático foi suficientemente definido e enérgico para despertar o receptor de um sono profundo, fazê-lo entender que se tratava de um pedido de socorro por parte de sua égua, e dirigir-se, sem nenhuma hesitação, para o local do drama. Parece-me que não se pode colocar em dúvida a origem realmente telepática desse acontecimento.

5º caso

Encontra-se no *Journal of the Society for Psychical Research*, volume XII, página 21. Lady Carbery, esposa de lord Carbery, envia do castelo de Freke, condado de Cork, o seguinte relato, datado de 23 de julho de 1904.

Durante uma tarde quente de domingo, no verão de 1900, fui depois do almoço fazer minha visita costumeira às estrebarias, a fim de distribuir açúcar e cenouras aos cavalos, entre os quais havia uma égua desconfiada, nervosa, chamada Kitty, da qual eu gostava muito. Havia grande simpatia entre ela e eu. Montava nela todas as manhãs, antes do almoço, com qualquer tempo. Eram passeios tranquilos e solitários ao longo das colinas com vista para o mar e sempre me pareceu que Kitty se alegrava,

como sua dona, com esses passeios na frescura matinal. Na tarde em questão, ao sair das estrebarias, fui sozinha para o parque, andando um quarto de milha, e sentado depois à sombra de uma árvore, com um livro muito interessante. Minha intenção era de ficar por ali cerca de duas horas. Após uns vinte minutos, um fluxo de sensações penosas veio se interpor entre minha leitura e eu. Ao mesmo tempo, tive a certeza de que alguma coisa dolorosa tinha acontecido com minha égua Kitty. Tentei afastar essa impressão, continuando a ler, mas a impressão aumentou e de tal maneira que fui obrigada a fechar o livro e me dirigir às estrebarias; chegando lá, fui direto para a baía de Kitty; encontrei-a estendida no chão, em sofrimento, precisando de auxílio imediato. Fui imediatamente procurar os rapazes da estrebaria, que se encontravam em outro local, distante daquele. Eles acorreram para prestar à égua os cuidados necessários. A surpresa deles foi grande, ao ver-me aparecer na estrebaria pela segunda vez, circunstância absolutamente insólita.

O cocheiro que cuidou da égua na ocasião confirma assim o relato:

Eu era cocheiro no castelo de Freke, e Sua Senhoria veio à tarde para distribuir, conforme seu hábito, açúcar e cenouras aos cavalos. Kitty estava solta em sua baía e em excelentes condições de saúde. Logo depois, fui para meu alojamento, acima das estrebarias, e os rapazes subiram para seus quartos. Após uma meia hora ou três quartos de hora, fiquei surpreso ao ver Sua Senhoria retornar e vir chamar-me, assim como os rapazes, dizendo-nos para ir socorrer Kitty, que estava deitada no chão, presa de um mal súbito. Nesse meio tempo, nenhum de nós havia entrado nas estrebarias.

Edward Nobbs

Este segundo caso é menos sensacional que o primeiro: a impressão telepática sentida por lady Carbery também foi menos precisa. Contudo, foi suficientemente forte para dar à receptora a convicção de que as sensações que experimentava indicavam que a égua Kitty precisava com urgência de ajuda, e para decidi-la a ir imediatamente ao local. Essas circunstâncias excepcionais e de significado preciso e suges-